

DESAFIOS DA AVALIAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

Pauliana Valéria Machado Galvão¹

Michelline Oliveira Pedrosa Spíndola²

Nelson Rubens Mendes Loretto³

Eliane Helena Alvim de Souza³

Fecha de publicación: 15/07/2016

RESUMO: A avaliação é um dos elementos primordiais da prática pedagógica e inerente a condição humana. No entanto, ela esbarra em alguns desafios: avaliar dentro de um contexto de formação mutante, voltado para o mundo globalizado e um mercado de trabalho competitivo. Este artigo foi proposto a fim de reunir e discutir as informações sobre os desafios da avaliação no contexto do Ensino Superior. De caráter descritivo, esta revisão incluiu artigos científicos de 2008 a 2012, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. A busca foi empreendida nas bases eletrônicas oficiais (*MEDLINE*, *Lilacs* e *SciELO*) e não-oficiais (Google Acadêmico). Os descritores empregados foram Avaliação, Ensino, Aprendizagem, Avaliação Educacional e Avaliação de Aprendizagem e seus respectivos em língua inglesa e espanhola.

Palavras-Chaves: Avaliação; Ensino; Aprendizagem; Avaliação Educacional; Avaliação de Aprendizagem.

¹ Doutoranda em Epidemiologia em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Liana Galvão paulianinha@gmail.com

² Mestranda em Perícias Forenses, Faculdade de Odontologia de Pernambuco (FOP), Universidade de Pernambuco (UPE), Camaragibe, PE, Brasil.

³ Doutores e Professores do Mestrado em Perícias Forenses, Faculdade de Odontologia de Pernambuco (FOP), Universidade de Pernambuco (UPE), Camaragibe, PE, Brasil.

CHALLENGES OF ASSESSMENT IN THE HIGHER EDUCATION

ABSTRACT: Evaluation is one of the key elements of teaching practice and inherent in the human condition. However, it bumps into some challenges: evaluate in context of mutant formation, facing the globalized world and a competitive job market. This article was proposed in order to gather and discuss information about the challenges of evaluation in the context of Higher Education. This review from descriptive character included papers from 2008 to 2012, in Portuguese, English and Spanish. The search was undertaken in the official (MEDLINE, Lilacs and SciELO) and unofficial electronic databases (Google Scholar). The descriptors used were Assessment, Teaching, Learning, Educational Assessment and Evaluation of Learning and their respective English and Spanish.

Key-Words: Evaluation; Teaching; Learning; Educational Measurement; Learning Evaluation.

INTRODUÇÃO

A avaliação é um dos elementos primordiais da prática pedagógica, tratando-se de uma ação mobilizadora da aprendizagem, pois permite ao docente construir condições que favoreçam a planificação do processo ensino-aprendizagem, identificando o que se pretende atingir, o como e o que se obteve no processo (VIEIRA; DE SORDI, 2012).

O pressuposto fundamental é de que a avaliação constitui-se de uma ação inerente à atividade humana, visto que o homem, ao estabelecer, intencionalmente, a finalidade para sua atividade, analisa as condições de realização antecipadamente e durante o processo, se necessário, faz modificações para que o resultado final atinja o objetivo idealizado de modo a satisfazer suas necessidades (MORAES; MOURA, 2009).

Antes de tudo, ela precisa ser processual e formativa para a inclusão, autonomia, diálogo e reflexões coletivas. Seu objetivo deve ser a busca de respostas e caminhos para os problemas detectados. Este processo não deve punir, nem estigmatizar, mas oferece diretrizes para se tomar decisões e definir prioridades (MITRE *et al.*, 2008).

Erroneamente, a avaliação assumiu e ainda assume em muitas instituições de ensino superior perspectivas que contemplam desde a posição classificatória e punitiva, excludente e marginalizadora, de forma ostensiva ou dissimulada, até a contemplação de novas propostas emancipadoras e formadoras (VIEIRA; DE SORDI, 2012).

Tradicionalmente, os alunos universitários eram avaliados de maneira somativa com provas no final das disciplinas (MATOS, 2010), fazendo com que a rota da avaliação da aprendizagem convirja em conseguir resultados favoráveis através de notas que medem resultados (VIEIRA; DE SORDI, 2012). Atualmente, os alunos vêm sendo expostos a diversas reformas e mudanças, no campo das legislações, práticas avaliativas, exigências de mercado, formato de cursos e de Instituições, entre outros. E a própria avaliação de sala de aula tem se configurado diferentemente, devido a expansão da avaliação formativa, implementação gradativa de novas práticas avaliativas e uma maior ênfase no caráter transdisciplinar do conhecimento científico (MATOS, 2010).

De fato, a forma de avaliar não é uma unanimidade. As discussões acerca do que avaliar e de que forma este processo deve ocorrer não chegam a um protocolo ou um caminho comum. E isto não é uma discussão vazia, sem importância: sem alguma forma de avaliar a educação superior, como os profissionais saíram da Universidade e servirão a sociedade? Assim, este artigo destina-se a reunir e discutir as informações sobre os desafios da avaliação no contexto do Ensino Superior, de forma a desenvolver um senso crítico sobre estratégias avaliativas.

1 ESTADO DA ARTE

O caráter desta revisão é descritivo e, por consequência, necessitou de ampla busca na literatura. Foram incluídos artigos científicos de 2008 a 2012, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola, priorizando dados coletados em território nacional, textos completos disponibilizados e cuja temática era o tema desta revisão: Avaliação. A busca de bibliografia foi empreendida nas bases eletrônicas de dados MEDLINE (National Library of Medicine), Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico. Os descritores empregados na pesquisa foram: Avaliação (Evaluation/ Evaluación), Ensino (Teaching/ Enseñanza), Aprendizagem (Learning/ Aprendizaje), Avaliação Educacional (Educational Measurement/ Evaluación Educacional) e Avaliação de Aprendizagem (Learning Evaluation/ Evaluación de Aprendizaje). A seleção dos artigos realizou-se em duas etapas: (1) Pré-análise e seleção, com base no título e leitura dos resumos; (2) Obtenção dos artigos selecionados e leitura e análise dos mesmos.

1.1 FORMAÇÃO NO MUNDO GLOBALIZADO

A atuação como professor na universidade ou como profissional de qualquer área de conhecimento tende a acompanhar o paradigma vigente ao longo da história da ciência e da educação (BEHRENS, 2010). Devido à globalização e ao capital mundializado, o ensino superior submete-se a uma regulação de caráter internacional (MATOS, 2010).

Em uma sociedade marcada pela provisoriedade do conhecimento e pela constatação de que a verdade é multifacetada e depende do grupo social em que está referendada, não há mais espaço para uma instituição hermética, refratária às mudanças. Cumpre-nos formar profissionais para novas realidades, disponíveis a aprender e a construir conhecimentos e concepções e a avaliação é parte deste processo (CAVALCANTE *et al.*, 2011). Concepções estas, críticas e reflexivas, baseadas em conceituações novas e diferenciadas, interligadas em uma nova compreensão e postura

quanto ao aprender e ao avaliar e que trazem as marcas de um processo qualificado para o ensino superior (VIEIRA; DE SORDI, 2012).

No Brasil, mais especificamente na Educação Superior, observa-se que avaliação assume os mais variados formatos ao longo da história pertinentes ao processo vivido na sociedade (CERUTTI *et al.*, 2011) e demonstra que é uma ferramenta organizacional e implementadora das reformas educacionais. Seu impacto provoca mudanças curriculares, metodológicas, conceituais e práticas formativas, além de influir formação, na gestão, nas estruturas de poder, nos modelos institucionais, nas configurações do sistema educativo, nas políticas e prioridades da pesquisa, nas noções de pertinência e responsabilidade social (DIAS SOBRINHO, 2010).

É na relação entre objetivação e apropriação dos bens culturais produzidos pela humanidade que o homem torna-se humano, pois a atual realidade sociocultural em que vivemos passa a cobrar um educador do ensino superior com outras atitudes, formação e dinâmica renovada (MORAES; MOURA, 2009). O processo contaminado onde o educando, muitas vezes, tem que restringir a reprodução de conhecimentos, e repeti-los quando solicitados, é uma atitude passiva e reprodutora, que não serve mais para a nova concepção de educação (MITRE *et al.*, 2008). A avaliação tem de ser expandida com estratégias construtivas, numa forma de avaliação formativa, onde criatividade, proatividade e capacidade visualização são preferidas em detrimento do conhecimento formal e estático, sem relação (VIEIRA; DE SORDI, 2012; SLOMSKY *et al.*, 2010).

Uma alternativa de avaliação que tem respondido a esta necessidade é a Aprendizagem Baseada em Problemas, conhecida pela sigla PBL (Problem Based-Learning), que ressalta a responsabilidade do indivíduo na construção do próprio conhecimento. Através de questões cotidianas e atuais, voltadas para a prática no mercado de trabalho, a aprendizagem é fundamentada e consolidada pelo educando pelo desenvolvimento de habilidade, atitudes e competências. A avaliação a partir do PBL não é reducionista, nem limitada ao resultado. O planejamento, o processo e a fundamentação da proposta possui valor equânime ao resultado e os valores já citados de criatividade e proatividade têm valor inestimável no processo (RIBEIRO; ESCRIVÃO FILHO, 2011).

1.2 JUSTIÇA NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO

A escola é o espaço de desenvolvimento dos conceitos científicos capaz de fazer a mediação entre os conceitos cotidianos e científicos. Desta

forma faz-se necessário a organização do sistema ensino-aprendizagem que tem como finalidade possibilitar a apropriação de conhecimentos teóricos aos escolares, incentivando a reflexão. O significado da avaliação na atividade de ensino e aprendizagem deve ser o de orientação e direcionamento do processo de apropriação do conhecimento e sua realização com parâmetros claros e justos tem função primordial na assimilação dos conceitos (MORAES; MOURA, 2009).

Os grandes questionamentos, quando esses resultados não são favoráveis e geram incertezas, discussão e inseguranças, voltam-se então para a análise do processo, e o avaliador passa a questionar todos os movimentos do percurso. O dilema tem sido saber qual a forma mais adequada para se avaliar habilidade e competências (VIEIRA; DE SORDI, 2012).

O modelo educacional tradicional era desenvolvido de forma narrativa e depositária. O professor é considerado o principal responsável pelo processo ensino-aprendizagem baseando-se em exposições orais, método de avaliação constando de provas teóricas e práticas e a relação professor-aluno sendo verticalizada, havendo desespero para com as habilidades humanísticas e questionando-se a justiça deste processo (MORETI-PIRES, 2009).

Atualmente, o educador tem sido incentivado a orientar na conquista de uma formação profissional competente, humana, ética que os estimule a novas descobertas, apoio nas dificuldades e estejam abertos ao diálogo, à pergunta, às dúvidas, removendo a carga negativa e o caráter punitivo do processo avaliativo. Masseto, (2008) afirma que “a função do ensino superior é de criar situações favoráveis ao desenvolvimento dos aprendizes nas diferentes áreas do conhecimento, no aspecto afetivo-emocional, nas habilidades e nas atitudes e valores”. Nesta concepção, as competências são construídas através das características do educando e valoriza a evolução do saber e conhecimento, sem haver uma fórmula estática para o acerto e valorizando os saberes individuais.

A maioria dos alunos que percebiam a avaliação de forma negativa tendem a aumentar a expectativa negativa enquanto avança no sistema educacional. No entanto, a nova concepção de responsabilidade que tem sido preconizada para o Ensino Superior enfatiza a ideia de que a avaliação torna os alunos responsáveis pelo seu aprendizado e as notas ou certificados seriam meras consequências do aprendizado (BROWN, 2008).

Importa considerarmos a reflexão que se faz necessária sobre avaliação no âmbito dos cursos de graduação e quanto ao tipo de educando

que se pretende formar, pois estas irão definir a avaliação da aprendizagem. Conforme nos indicam Sordi: Lüdke (2009, p. 24).

O ensino da avaliação dos futuros professores não pode se resolver apenas na descrição teórica politicamente correta, como deveria ser e / ou sobre as razões porque não se consegue ser diferentemente desenvolvida. Reclama por ação intencional dos educadores de fazer experimentar aos futuros professores outros usos de avaliação, levando-a a assistir a aprendizagem dos estudantes. Cuidados pedagógicos na forma de ensinar a planejar e desenvolver a organização do trabalho escolar são importantes e devem crescer mais ainda quando a categoria avaliação emerge, dada a centralidade que ele detém na realidade escolar e social, e que precisa ser contestada e problematizada, no mínimo pelos profissionais da educação.

Por meio do ensino, o professor realiza plenamente seu trabalho quando ajuda o aluno a adquirir capacitadores para novas operações mentais e operar mudanças qualitativas em sua personalidade (LÍBANE, 2009).

1.3 QUESTÃO DA QUALIDADE

Um último dilema importante quando se fala em educação é o seu papel no desenvolvimento humano e social no âmbito da qualidade. Para alguns o papel da educação é de formar cidadãos conscientes e participativos capazes de ajudar a transformar as estruturas da sociedade; para outros, a educação é concebida como estratégia de desenvolvimento econômico. E o comum em ambas as visões é a formação de um indivíduo melhor. É neste âmbito que é inserido o conceito liberal de qualidade de ensino, onde é preciso “qualificar” este termo para definir os parâmetros a serem avaliados (SLOMSKY *et al.*, 2010).

A qualidade é frequentemente abordada sobre o enfoque da eficácia (BURLAMAQUI, 2008). Em termos de qualidade, os parâmetros a serem avaliados são: Capacidade de comunicação (saber buscar as informações, compreender com facilidade as mensagens recebidas e habilidade para expressar-se); Habilidade de trabalho em grupo e Espírito cooperativo (habilidade para interagir com o grupo de trabalho, desejo de cooperar com a organização); Raciocínio lógico (fundamental para a interação com as máquinas inteligentes e com as outras pessoas); Criatividade (capacidade de propor ideias e soluções para os problemas colocados pela produção); visão de totalidade (habilidade de perceber as diversas partes/ momentos envolvidos num processo produtivo e a ligação entre eles); Capacidade de abstração (capacidade de compreender os fenômenos e extrair suas características, chegando a generalizações) (SLOMSKY *et al.*, 2010).

Outro foco ao se abordar a qualidade é a avaliação institucional como um todo, que pode ser externa ou interna (partir dos discentes, docentes e funcionários). Parece um consenso ao se abordar este processo, a validade deste tipo de avaliação para todo processo de aprendizagem. Apesar de seus benefícios, o emprego da avaliação como um instrumento de formação é largamente negligenciado pelas metodologias de ensino-aprendizagem e currículos convencionais no ensino superior, como um todo (RIBEIRO; ESCRIVÃO FILHO, 2011).

Nesta questão, sugere-se que uma variável ou estatística influencia um valor final relativo a esse nível de ensino (BURLAMAQUI, 2008). Os indicadores de qualidade, assim, são fundamentais para acompanhar as mudanças na dimensão de realidade que se quer avaliar, permitindo: Consolidar informações relevantes, úteis e a apreensão imediata de aspectos da realidade; Aprimorar a gestão; Desenvolver políticas; Trocar informações entre, instituições regiões, municípios, etc.; Apoiar ações de caráter gerencial e de monitoramento que justificam a criação e utilização de indicar de qualidade em educação (FERREIRA; TENÓRIO, 2010).

2 DISCUSSÃO

Pensar e viver a Universidade exige que, cada vez mais, estejamos abertos a um mundo em transformação. Se, durante muito tempo, a Universidade representou um espaço social marcado pela produção e pelo armazenamento do conhecimento acumulado pela humanidade, este fato mudou. Na contemporaneidade, as mudanças sócio-econômicas e culturais demandam, desta instituição, novas formas de gerir o conhecimento e as relações que ela estabelece com a realidade social (CAVALCANTE *et al.*, 2011).

A avaliação da aprendizagem, especificamente no contexto das instituições do ensino superior, quando criteriosa em seus processos e na análise de seus resultados, permite a tomada de decisões importantes, antes, durante e após o trabalho pedagógico, pois a avaliação é um dos elementos fundamentais da prática pedagógica (VIEIRA; DE SORDI, 2012).

Sistemas de avaliação com componentes definidos – constituídos de autoavaliação e avaliação pelo professor (provas e apresentações) e pelos pares – tendem a ser aprovado pela maior parte dos estudantes. Ribeiro; Escrivão filho (2011) demonstraram em seu estudo que a diversidade dos instrumentos de avaliação, sua abrangência em avaliar as atividades diferentes (por exemplo, seminários, conceitos, habilidades de trabalho em equipe), a responsabilidade e a capacidade dos estudantes em avaliar seu próprio desempenho e de seus pares e o uso da avaliação como feedback no

aprimoramento da aprendizagem dos estudantes, da metodologia de ensino aprendizagem e da disciplina obtiveram uma aceitação maior que os modelos tradicionais.

Este fato pode ser explicado pela afirmação de Vieira; De Sordi (2012) sobre a função de avaliar que é comum e inerente ao domínio do pensar humano e preponderante em qualquer operação de planejamento sistemático. Avalia-se também e sempre de forma assistemática, mesmo não tendo a intenção de avaliar. Esse caráter informal da avaliação envolve impressões e sentimentos. Avaliamos o nosso dia a dia, o nosso pensar e fazer, assim como todas as rotinas e realizações que nos cercam nas mais diversas atividades e nos mais diversos domínios de resultados.

Os desafios envolvidos no processo de avaliar muitas vezes fundamentam-se em conceitos mais arraigados na cultura do educando, tantas vezes tratado como “aluno”, ser sem iluminação, sem conhecimento, invólucro a ser preenchido com saber hermético e tradicional.

No caso do professor universitário, com aprofundamento nos estudos de sua área específica e anos de atuação profissional, pode ocorrer uma falta conhecimento científico do processo de ensino-aprendizagem (CAVALCANTE *et al.*, 2011) e esta carência ajuda a plantar a semente de um avaliação não condizente com a realidade, com o cotidiano vivido e com o processo de globalização inerente a vida em sociedade, que não mensura adequadamente o desenvolvimento da aprendizagem e que está desconectado de conceitos como justiça e qualidade.

CONCLUSÃO

Em síntese, não há um modelo ideal totalmente satisfatório para o processo de avaliação-aprendizagem que preencha todas as lacunas existentes. As teorias nos dão norteamento, cabendo ao educador, diante da situação sociocultural que está inserido, buscar as melhores alternativas para seus educandos, numa atitude acolhedora, inclusiva, dinâmica e formativa.

Os aprendizes devem ser estimulados a um posicionamento reflexivo, crítico para aprenderem o que realmente pode ser transformado do teórico para o prático, já que estamos vivendo em um mundo ao quais dezenas, centenas de novas informações nos são impostas todos os dias.

A avaliação deve ser um diagnóstico por completo do educando e não um estigma meramente classificatório, baseado apenas em um sistema de expor informações, e depois, com provas e testes valorando o quanto foi fixado da matéria, sem ao menos nos ater-nos aos erros do educando, numa atitude excludente e de desvalorização do aprendiz.

O erro do aprendiz é um dos pontos chaves para uma avaliação tanto do educando quanto do educador. O professor motivador pergunta-se: Usei a melhor didática? Onde não consegui ser entendido? Busca-se no erro medidas norteadoras para a verificação da não-aprendizagem e não como um fator discriminatório, classificatório do educando.

Modelos didáticos que estimulam a reflexão, a crítica e também a auto-crítica não só preparam profissionais para o mercado de trabalho, mas, cidadãos éticos e construtores de uma nova realidade social.

REFERÊNCIAS

- BEHRENS, M. A. Formação pedagógica on-line: caminhos para a qualificação da docência universitária. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 47-66, nov. 2010.
- BROWN, G. T. L. **Conceptions of assessment Understanding What Assessment means to Teachers and Students**. New York: Nova Science, 2008.
- BURLAMARQUI, M. A. B. Avaliação e Qualidade na Educação Superior: tendências na literatura e algumas implicações para o sistema de avaliação brasileiro. **Estudos em Avaliação Educacional**, v 19, n 39, p. 133-154, 2008.
- CAVALCANTE, L. I. P. *et al.* A docência no ensino superior na área da saúde; formação continuada e desenvolvimento profissional em foco. **Rev Eletronica Pesquisaeduca**, v. 3, n. 6, p. 162-82, 2011.
- CERUTTI, E. *et al.* Avaliação da Educação Superior Brasileira: diálogos mediados pelo white paper. **Revista Educação por Escrito – PUCRS**, v.2, n.1, p. 55-74, 2011.
- DIAS SOBRINHO, J. Avaliação e transformações da educação superior brasileira (1995-2009): do provão ao Sinaes. **Avaliação**, v. 15, n. 1, p. 195-224, 2010.
- FERREIRA, R. A.; TENÓRIO, R. M. A construção de indicadores de qualidade no campo da avaliação educacional: um enfoque epistemológico. **Revista Lusófona de Educação**, v. 15, p. 71-97, 2010.
- LIBANEO, C. J. O ensino da Didática das metodologias específicas do ensino fundamental nos currículos de Pedagogia. **Rev Bras Pedag.**, Brasília, v. 91, n. 229, p. 562-583, 2009.

- MASSETO, M. T. Formação pedagógica dos Docentes no ensino superior. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração**, v. 1, n. 2 (edição especial), p. 04-25, 2008.
- MATOS, D. A. S. **A avaliação no ensino superior: concepções múltiplas de estudantes brasileiros** [Tese]. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2010.
- MITRE, S. M. *et al.* Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 13, Supl. 2, p. 2133-2144, 2008.
- MORAES, S. P. G.; MOURA, M. O. Avaliação do Processo de Ensino e Aprendizagem em Matemática: contribuições da teoria historicocultura. **Bolema**, Rio Claro (SP), ano 22, n. 33, p. 97-116, 2009.
- MORETI-PIRES, R. O. **O pensamento crítico social de Paulo Freire sobre a humanização e o contexto da formação do enfermeiro, do médico e do odontólogo** [Tese]. São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 2008.
- RIBEIRO, L. R. C.; ESCRIVÃO FILHO, E. Avaliação formativa no ensino superior: um estudo de caso. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, Maringá, v. 33, n. 1, p. 45-54, 2011.
- SLOMSKI, V. G. *et al.* Mudanças curriculares e qualidade de ensino: ensino com pesquisa como proposta metodológica para a formação de contadores globalizados. **Rev. contab. organ.** v. 4, n. 8, p. 160-88, 2010.
- SORDI, M. R. L.; LÜDKE, M. Da avaliação da aprendizagem à avaliação institucional: aprendizagens necessárias. **Avaliação**, v. 14, n. 2, p. 267-290, jul. 2009.
- VIEIRA, M. L.; DE SORDI, M. R. L. Possibilidades E limites do uso do portfólio no trabalho pedagógico no ensino superior. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1-27, abr. 2012.